

Suspeitos agem como se punição fosse certa

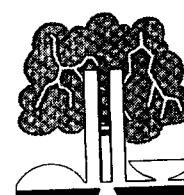
Parlamentares na mira da CPI — como Genebaldo Correia, João de Deus e Flávio Derzi — juram inocência e garantem que não serão cassados, mas demonstram abatimento e nervosismo

CHICO OTÁVIO e
ROBSON PEREIRA

BRASÍLIA — Os parlamentares na alça de mira do relator da CPI do Orçamento, Roberto Magalhães (PFL-PE), vieram ontem um dia de cão. Todos juraram inocência, garantem que não serão cassados, mas agem como se a punição já fosse certa. "Prefiro acreditar que não vou ser cassado, pois seria a interrupção de 30 anos dedicados à vida pública", desabafou o ex-líder do PMDB na Câmara Genebaldo Correia (BA), um dos mais abatidos com o envolvimento de seu nome no escândalo do Orçamento.

Assim como vários outros parlamentares que serão citados no relatório final da CPI, Genebaldo passou o dia trancado em seu gabinete, sem forças para tentar uma última defesa. "Vou aguardar o relatório para refletir sobre o passo seguinte", declarou. O ex-líder do PMDB disse que prestou todos os esclarecimentos que julgava necessários para inocentá-lo, mas admite que os argumentos não prevaleceram na decisão do relator.

O deputado evangélico João de Deus Antunes (PPR-RS) também se considera incluído na relação dos prováveis cassados. "Sou um pregador que foi atingido pelas calúnias", disse, sem conseguir esconder o nervosismo. Acusado de ter liberado verbas para entidades evangélicas que foram parar na sua conta bancária, o deputado — um ex-delegado de polícia — admite que teve "quinhentas oportunidades de ficar rico no Congresso", mas jura que é inocente e que



DEPUTADO
DO PMDB
PASSA O DIA
TRANCADO

vai processar todos aqueles que o "jogaram lama". João de Deus não estará hoje no plenário para ouvir o relatório. "Não vai adiantar."

Outro que também não pretende acompanhar a leitura é o deputado Ézio Ferreira (PFL-AM), que já demonstra saudades dos tempos que ainda não era parlamentar. "Era feliz e não sabia", suspirou o deputado. Ele reconheceu que, independente da provável cassação, está liquidado politicamente. "Fui execrado antes de ser julgado", constatou.

O clima de nervosismo e insegurança pautou o comportamento dos deputados Ricardo Fiúza (PFL-PE) e José Carlos Vasconcelos (PRN-PE), que se mobilizaram a manhã toda para reverter o quadro desfavorável. "O relatório é mentiroso, feito na calada da noite", esbravejou Fiúza em uma rápida entrevista após discursar no plenário. Ele chamou os senadores José Paulo Bisol (PSB-RS) de "desonesto" e Eduardo Suplicy (PT-SP) de "mentiroso" e prometeu "desmo-

ralizar" a todos que o acusaram "sem provas". Mais irritado, José Carlos Vasconcelos não quis dar entrevistas e chegou a obstruir com as mãos a lente da câmera de um cinegrafista da TV Bandeirantes que tentava registrá-lo.

O deputado Pinheiro Landin (PMDB-CE) disse que ficou surpreso com a inclusão de seu nome no parecer do relator, mas garantiu que também trabalha normalmente em seu gabinete. É outro que está com saudades do tempo em que era empresário no Ceará. "Era mais rico antes de entrar para a vida pública", jurou.